

CEDI**Povos Indígenas no Brasil**

Fonte Folha de S. Paulo Class.: Carajás 137
Data 26/09/93 Pg.: 1-2

Carajás, nunca mais?

Clóvis Rossi

SÃO PAULO — Sem o ponto de interrogação, a expressão que dá título à coluna pertence a Gustavo Franco, diretor da área externa do Banco Central e um dos cérebros da equipe econômica de Fernando Henrique Cardoso.

Para entender melhor, é preciso fazer um pouco de memória. Em maio de 1986, três meses depois de implementado o Plano Cruzado, o presidente Sarney convocou bom número de seus auxiliares para uma reunião de avaliação, realizada na mansão que a Vale do Rio Doce mantém em Carajás.

Na cabeça dos economistas então no governo, pensava-se em executar o ajuste fiscal, até para aproveitar o fato de que a inflação estava anestesiada. Mas aconteceu o que conta o economista Luiz Gonzaga Belluzzo, braço direito do então ministro Dilson Funaro.

Belluzzo fora ao banheiro da mansão para urinar. Entrou o general Ivan de Souza Mendes, chefe do SNI, com a mesma finalidade. "Esqueça o ajuste. O Sarney está enamorado da popularidade" (advinda do congelamento de preços), avisou o general. Foi assim

que o ajuste fiscal entrou literalmente pelo ralo em Carajás.

Gustavo Franco teme, com razão, que o filme se repita. Se já está difícil fazer a arrumação das contas públicas com a inflação alta, imagine-se a dificuldade se uma paulada bem dada derrubar de fato a inflação. Nem o presidente da República nem os políticos governistas (e mesmo muitos não tão governistas) vão querer fazer o trabalho sujo de cortar gastos, mais ainda em um ano eleitoral como 1994.

É por isso que a equipe técnica insiste tanto em fazer antes o ajuste fiscal e só depois a estabilização propriamente dita. O importante não é a discussão acadêmica sobre o que vem primeiro (o ajuste ou a paulada). Importante é que o ajuste tem que ser feito, antes, durante ou depois. Depois, fica incomparavelmente mais difícil, como o demonstra Carajás.

O problema é que o tempo político é diferente e mais curto do que o tempo técnico. Qual dos dois vai acabar prevalecendo é ainda uma questão em aberto.